

Jean-Pierre Bastiou

1. O Colar

As contas estão esparramadas no tabuleiro à sua frente. De diversas cores, origens e tamanhos, você as trouxe de precedentes episódios existenciais e cada uma delas liga a sua pessoa a um passado recente ou distante. Pretende com elas formar um colar para oferecer a alguém com quem tenha especial afinidade.

Num primeiro ato precisa selecionar cuidadosamente as contas, descartar as desgastadas pelo tempo, fazendo com que aquelas da sua escolha combinem entre si, em tamanho, cor e proveniência e, isso feito, enfileirá-las num sólido cordão com fecho que lhes dê acabamento e unidade de colar... Ah, ia me esquecendo, falando em fecho e acabamento, não esquecer que a última conta do colar deve lembrar a primeira!

Sei, por experiência, que a redação de uma autobiografia se assemelha em muito à descrição que acabei de fazer. Num primeiro momento, as lembranças ocorrem de forma desordenada, igual às contas esparramadas no tabuleiro. Precisa selecioná-las e ordená-las cronologicamente, conservando aquelas mais significativas e em harmonia com o tema e objetivo do livro.

São tantas as contas esparramadas no tabuleiro da memória, assim como tantas são as palavras dentre as quais se tem que escolher, para melhor comunicar escrevendo, rejeitando as definições envilecidas pelo uso de uma linguagem vulgar, a exemplo das contas desgastadas pelo tempo utilizando em substituição neologismos da Conscienciologia.

Importante é pensar bem, antes da escolha mais acertada, como é também importante usar sinônimos, assim que for necessário, para evitar que o colar da narração se torne monótono, pesado, embora correto no fundo, mas sem o brilho da vida, capaz de transmitir a intensidade e o significado profundo de vivências passadas.

Exercício de estilo, talvez, mas o leitor ou a leitora merece que se esmere em oferecer-lhe a melhor redação possível sem, entretanto, deformar a dimensão real de trafores e trafores. Sem ceder ao nosso ego que instiga em enfatizar os primeiros e amenizar os segundos.

O pior erro de quem escreve uma autobiografia não seria enganar o leitor, mas mentir a si mesmo (conservando a linguagem alegórica inicial, seria o mesmo como oferecer um colar de coloridas contas de vidro fazendo-as passar por cristal). Automentira que impossibilitaria um lúcido e persistente programa de dinamização dos trafores para dominar os trafores.

Isto realizado, só resta unir todas as contas-capítulos num colar-mnemônico que lhes dê coerência e cujo fecho-conclusão evidencie a atual evolução consciencial, em relação ao passado, e o quanto se tem ainda que evoluir, planejando os passos que restam a dar (proéxis) para atingir o almejado compléxis, implicando em *continuismo existencial*.

2. Minha Experiência

Quando me decidi em escrever o livro autobiográfico “Globe-trotter da Consciência”, estava seguro, pretensão minha, de que o terminaria em no máximo três meses, tal era minha empolgação. Levei quase dois anos antes de colocar virtualmente a palavra fim no último capítulo. Não é que a redação tenha sido árdua mas, sim, que ela me fez refletir em profundidade ao reencontrar os vários personagens que eu fui; a criança vivenciando uma estonteante projeção no espaço, gritando apavorado e sem voz, em vez de curtir essa experiência de Peter Pan; o adolescente “guerreiro sem ódio”, mas assim mesmo guerreiro; o culturista com ego do tamanho do Pão de Açúcar.

A realidade é que eu tinha encontrado a Conscienciologia e escrever minha autobiografia significou, sobretudo, evoluir autanalisando-me à luz desta ciência, incluindo na narrativa lembranças de vivências suscitadas por ela e que só fui capaz de entender o seu justo valor na qualidade de conscienciólogo convicto. Estou certo de que se alguém escrever sua autobiografia, com as devidas transparência e autenticidade, será outro ao fim dela. Digo mais, querem apressar sua evolução? – escrevam um livro autobiográfico! Eu comecei a escrevê-lo na posição de conceituado professor de Yoga, com quatro décadas de experiência de magistério, e o terminei na qualidade de aluno da neociência Conscienciologia, grato ao Yoga que me levou até ela.

3. Apelo

Se você, lendo essas linhas, for professor ou professora, saiba que a sua esperada autobiografia irá criar, em seus cursos, um fraterno *rapport* entre você e aqueles e aquelas que superaram ou procuram superar desafios existenciais semelhantes aos que você já superou. Sentirá que ao escrever seu livro teve que empreender, também, uma exigente autanálise em termos conscienciológicos, permitindo-lhe reforçar trafores e enfraquecer trafores, da mesma forma que os leitores se esforçam em fazer.

Perceber-se-á disto e será mais atento e atenta às suas palavras porque você viveu e vive o que ensina.

Jean-Pierre Bastiou é graduado em Cultura Física na França e Yoga na Índia. Pioneiro do Yoga no Brasil e um dos fundadores da Associação Brasileira de Professores de Yoga. Palestrante e conferencista internacional, também é tradutor de livros. Autor do livro *Globe-trotter da Consciência: Do Yoga à Conscienciologia*, dentre outros livros. Pesquisador da Conscienciologia desde 1995. Voluntário da IAC.

E-mail: jp.mt.bastiou@hotmail.com